



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após declaração à imprensa em conjunto com o Presidente da França, Jacques Chirac

Palácio da Alvorada, 25 de maio de 2006

Jornalista: Minha pergunta vai para os dois presidentes. Senhor Presidente da República, o senhor convocou a controvérsia que opõem os nossos dois países na OMC, com relação às subvenções agrícolas, subsídios agrícolas. Que conteúdo o senhor coloca no “dar”, do qual o senhor falou na entrevista na Tv Globo? O que os dois estão prontos a conceder para sair desse impasse, dessa dificuldade? O Brasil pode abrir mais a sua economia à indústria e aos serviços europeus? Muito obrigado por essa pergunta.

Presidente Chirac: Habitua-se a dizer que nós temos uma controvérsia a respeito ou dentro da OMC. Há algumas divergências de ponto de vista. Eu não poderia chamar isso de controvérsia, disputa. Nesse caso existem três partes que defendem, cada uma, os seus interesses. A Europa, os países emergentes e notadamente o Brasil e os Estados Unidos que, na realidade, detêm a chave do problema. Essa chave não está nem na Europa, nem no Brasil, e nem nos países emergentes.

Eu quero lembrar uma ou duas coisas inicialmente, para que não haja ambigüidades e eu vou repeti-lo, está errado dizer que a Europa é um mercado fechado. É um mercado amplamente aberto. Se eu falar apenas da França, eu constataria que a França importa da América Latina, não do Brasil, da América Latina, a cada ano, 2 bilhões e meio de dólares, e ela exporta para a América Latina, 400 milhões de dólares. Vocês estão vendo bem a diferença? Então, não se pode falar de uma dificuldade de exportação da América Latina em direção à Europa.



A Europa é um mercado muito aberto, notadamente na esfera agrícola, mas, então, de onde vem o problema? Porque se o problema existe, a Europa fez uma série de progressos, ela realizou muitos progressos, duas reformas sucessivas na política agrícola, no sentido de dobrar o que desejam um certo número de países, notadamente países emergentes, aumentar a ajuda à produção. Ela reduziu sensivelmente essa ajuda, esses subsídios, ela tomou compromissos, assumiu compromissos formais de reduzir, diminuir em torno de 45%, eu tinha dito 46% mas o ministro dos Negócios Exteriores do presidente Lula, que é um técnico, um especialista, é da área, é de 45% os direitos aduaneiros.

A Europa fez tudo que ela podia fazer e, honestamente, não tem mais condições de fazer outros passos a não ser que outras pessoas mudem, mas o quê? Naturalmente há o fato de que os países envolvidos não fizeram nenhum passo significativo em direção à Europa, seja no plano da indústria, seja no plano dos serviços, então, é preciso esperar um pouco de progresso nesse campo, em troca daquilo que já foi feito pela Europa.

Mas este não é o fundo do problema, o fundo do problema é que o interesse essencial é o dos Estados Unidos, mas os Estados Unidos não aceitaram modificar qualquer coisa, eles continuam a subsidiar e ajudar o mercado interior da forma mais importante do mundo, que hoje, sei aceitar, questionar essa situação. Eles têm um sistema que financia largamente, inclusive de modo indireto, por intermédio da ajuda alimentar às exportações de bens agrícolas americanos, sem que aí haja, realmente, também, qualquer intenção de fazer qualquer passo.

Queria dizer ao presidente Lula que a questão da OMC, o gênio dos nossos amigos americanos foi fazer crer que era um problema entre a Europa e os países emergentes, que não é o caso. Se apenas o problema fosse esse, notadamente da França e Europa, seria resolvido sem qualquer dificuldade, com concessões muito menores do que a Europa foi obrigada a fazer.



O problema fundamental, na verdade, é a situação dos americanos. E eu disse a ele: vamos, inicialmente, tentar nos unir para fazer uma pressão amigável sobre os americanos, de modo que eles se tornem mais razoáveis, em termos de apoio, ou seja, com uma reforma do Farm Act de 2002, que eles se tornem mais razoáveis, a respeito do seu apoio, do seu subsídio às exportações, que é excessiva. E, nesse momento, poderemos resolver os nossos problemas internos, com um pequeno esforço de parte de outro, sem qualquer dificuldade.

Presidente Lula: Eu acredito, até por excesso do otimista que eu sou, que não há impasse que não seja resolvido se as partes envolvidas quiserem resolver. Eu dizia ao presidente Chirac que as comissões que negociam na OMC, possivelmente já tenham esgotado uma grande parte das suas responsabilidades. E eu aprendi, também, na minha vida de negociações, que quando as partes que estão envolvidas começam a repetir o mesmo assunto todo dia e toda hora, em toda reunião, é preciso tirar e colocar gente com novas idéias para ver se nós conseguimos negociar.

Desde dezembro até hoje eu já falei com o presidente Chirac, eu já falei com o primeiro-ministro Tony Blair, já falei com a chanceler alemã, já falei duas vezes com o presidente Bush, já falei com o presidente Zapatero no sentido de que assumamos as nossas responsabilidades políticas e, ao invés de ficar pensando quem vai ganhar ou quem vai perder, nós pudéssemos discutir um gesto para, numa escala progressiva, criarmos condições para que, nos próximos 10 ou 15 anos, os países mais pobres tenham uma oportunidade no comércio mundial.

É sempre muito difícil discutir esse assunto, a gente tem um ditado no Brasil que diz: “em casa que não tem pão, todo mundo briga e ninguém tem razão”. Então, todo mundo acha que já fez o que era possível fazer, todo mundo acha que concebeu o que poderia conceber. Mas o dado concreto é



que até agora não teve acordo, porque nem as próprias partes acreditam que já fizeram o que tinham que fazer. Todo mundo acredita que é possível um pouco mais, um pouco menos.

Eu reiterei ao presidente Chirac que o Brasil está disposto, junto com o G-20, a fazer as concessões possíveis para que haja um acordo. Os americanos têm que fazer suas concessões, porque o subsídio nos Estados Unidos é muito alto e cria um desequilíbrio no comércio agrícola no mundo, e a Europa pode fazer mais concessões de acesso a mercado. Bom, esse é o desejo do Brasil que nem sempre tem o acordo dos europeus.

Eu não acredito que se os líderes trouxerem para si as discussões, fizerem um balanço da situação do desenvolvimento de muitos países, da situação econômica e social de muitos países, quem sabe possamos encontrar uma solução, quem sabe vamos estar juntos agora em São Petersburgo, no mês de julho. Eu fui convidado, vão estar lá muitos dirigentes políticos, talvez esse não seja o tema da reunião, mas quando a gente está junto, não tem tema nem permitido, nem proibido, a gente conversa o que a gente quer e eu, certamente, pretendo, se não na reunião formal, nas bilaterais, conversar com cada pessoa sobre a necessidade de assumirmos, porque se fracassar a Rodada de Doha, o meu medo é que daqui a 10 anos, ao invés de nós cumprirmos as Metas do Milênio, que foram estabelecidas por nós mesmos, nós estaremos assistindo ao crescimento da pobreza no mundo inteiro.

Então, eu acho que é uma decisão política hoje, a decisão não é mais econômica, a decisão não é apenas mais comercial ou econômica, não se trata de um dinheiro a mais ou um dinheiro a menos. Eu acho que agora é uma decisão política que só os líderes políticos podem tomar. Cada um de nós vai ter seus problemas, mas, certamente, eu quero reiterar ao presidente Chirac, aos meus ministros, aos ministros da França e à imprensa, que o Brasil estará disposto a fazer a sua parte.

Sei que tem que ser proporcional, porque se na Europa a agricultura



ocupa um espaço de 4% na utilização da mão-de-obra, nós temos países que ocupam 70%, então, é preciso que haja um certo equilíbrio na proporcionalidade dessas contribuições.

Eu penso que nós vamos chegar a um acordo e concordo com o presidente Chirac, ou seja, nós precisamos convencer o governo americano de que é preciso diminuir os subsídios. Nas conversas bilaterais, às vezes a impressão que eu tenho é que está tudo acordado, tudo acertado, mas quando voltamos à nossa realidade, as coisas não acontecem com a facilidade que nós gostaríamos que acontecessem, mas eu continuo afirmando que eu sou muito otimista em relação a um acordo na OMC, que signifique que, mesmo que seja um pequeno avanço e que os países mais pobres saiam ganhando um pouquinho, os emergentes empatam e os mais ricos façam uma pequena concessão. Se isso acontecer, o mundo agradecerá, porque muito mais paz virá a acontecer no planeta.

Porta-Voz: Eu vou passar a palavra da segunda pergunta para a jornalista Eliana Oliveira, de O Globo.

Jornalista: Eu queria fazer uma pergunta para o presidente Chirac e, se fosse possível o presidente Lula comentar, agradeceríamos. Queremos saber a opinião de como a França, a própria União Européia, está vendo esse movimento nacionalista na América do Sul, coisas que interessam à França como a questão da nacionalização do gás natural da Bolívia; em que isso poderia afetar, de alguma forma, as atividades da região em termos de investimentos, aumentar riscos, enfim, eu queria saber o que o senhor pensa. E se isso também preocupa o presidente Lula, se ele puder comentar.

Presidente Lula: Você percebe que vai ser ao contrário, eu vou falar e o presidente Chirac vai comentar. Olhe, primeiro, nós temos que ter consciência



de que a América do Sul vive um momento político muito rico. Para as pessoas que têm dúvidas, é importante saber que a menos de uma década atrás, ou em alguns países há 20 anos, nós vivíamos aqui com quase todos os países subordinados a regimes autoritários. Neste Continente, presidente Chirac, há 20 anos atrás, todos os países tinham grupos que acreditavam na luta armada como solução para os problemas da política. E o que aconteceu de 90 para cá? Todos os grupos, com exceção das FARC, na Colômbia, resolveram abandonar a luta armada e entrar na disputa democrática. É importante lembrar que até o presidente Chávez tentou, não conseguiu, e depois ganhou as eleições pela via democrática.

Bem, se nós somos um país em que estamos há muito pouco tempo consolidando a nossa democracia, nós temos que aprender a viver com determinadas turbulências que só existem quando há democracia. Acho que o que aconteceu no caso da Bolívia não aconteceu por causa de Evo Morales, o problema não foi o Evo Morales, o problema foi que o Sanchez de Louzada caiu, e um dos motivos por que ele caiu foi um movimento pela nacionalização do gás da Bolívia. O presidente Carlos Mesa fez um referendo, em 2004, e 92% do povo da Bolívia optou no referendo pela nacionalização do gás. Portanto, eu não discordo que o gás seja do Bolívia. Muita gente queria que eu fosse agressivo com a Bolívia. Eu como sou um homem que, na minha campanha, utilizei muitas vezes que a minha candidatura era uma candidatura de paz e amor, ao invés de ser truculento com a Bolívia, acreditei no poder da conversa, na capacidade do diálogo. Me reuni com o presidente Evo Morales e, hoje, depois da volta do Celso Amorim, que esteve dois dias lá, eu acho que nós encontramos um denominador comum. Hoje a Bolívia é sabedora de que é dona do gás, ninguém discorda disso, mas, ao mesmo tempo, a Bolívia é sabedora de que precisa vender o gás para o Brasil, ela também sabe disso. Então, qual é o jogo? Se a Bolívia tem o gás e o Brasil precisa comprar, nós temos que, de forma muito equilibrada, encontrar um preço que atenda aos



interesses do povo da Bolívia, mas que também atenda aos interesses dos consumidores brasileiros.

No mais, eu acho que a América do Sul passa por um momento rico. Não pensem que a União Européia foi tranqüila. Esses dias eu dizia a uma jornalista do Le Monde, que se fosse na América do Sul que o povo tivesse votado contra a idéia da construção de uma Constituição única, como os franceses votaram, é bem possível que muita gente achasse que o mundo estaria conturbado. Não, é uma decisão soberana de uma parcela da população que nós acatamos. Posso dizer à jornalista que me fez a pergunta e aos demais, que o Brasil continua acreditando que a integração da América do Sul é uma necessidade, e a construção da democracia e da paz é a única possibilidade que nós temos de nos transformarmos em nações ricas, porque nós precisamos atrair investimentos, nós precisamos atrair tecnologias, nós precisamos investir muito em educação, e só pode fazer tudo isso quem está pensando em paz. Quem não está pensando, não vai conseguir fazer. Então, é importante o presidente Chirac levar do Brasil aquilo que é a crença do Presidente do Brasil: a América do Sul está num momento rico de exercício da democracia. Se tivéssemos tido uma revolução francesa há 200 e poucos anos, quem sabe tivéssemos mais forte a nossa democracia, mas não tivemos.

Então, eu estou feliz. Acho que, qualquer problema, nós sentamos numa mesa, conversamos, e todos nós, presidentes da América do Sul, sabemos que a Europa, os Estados Unidos, irão investir nos nossos países na medida em que a gente faça por merecer esses investimentos, na medida em que a gente tenha a confirmação do nosso comportamento, do cumprimento de contrato, do estabelecimento de regras jurídicas e políticas consolidadas, que é isso que nós precisamos.

Presidente Jacques Chirac: O Presidente falou com muita sabedoria e eu não tenho nada a acrescentar. Não tenho comentários a fazer em razão ou com



relação às mudanças políticas que aconteceram neste país ou em outros países. Mas eu me encontrei duas vezes com o presidente Morales e tive a impressão, o sentimento, a opinião que ele estava totalmente decidido a levar em consideração o que está em jogo, e que ele estava sensível aos argumentos que podiam ser dados pelos diferentes países envolvidos, inclusive pelo Brasil, e principalmente pelo Brasil. Eu não tenho comentários a fazer sobre isso. Eu confio nos dois presidentes para encontrar uma solução harmoniosa para essa pequena dificuldade. Em contrapartida, eu preciso dizer, eu quero dizer que as entrevistas feitas com o presidente Morales me levaram a constatar que era um homem que tinha que devolver a sua honra a um povo machucado.

Jornalista: A pergunta é para os dois Presidentes, a respeito da questão do Irã. A França e o Brasil se pronunciam por uma solução diplomática. Essa via diplomática, me parece, começa a se esgotar. O Irã, será que vai renunciar ao enriquecimento do urânio? Será que os senhores não têm o sentimento de que a comunidade internacional... como reagem com relação... o microfone está muito ruim, desculpem. ...confrontado a uma ameaça dos Estados Unidos no Irã? Foi evocada também a questão da Copa do Mundo nas suas entrevistas?

Presidente Lula: Eu acredito que o presidente Chirac conhece muito mais de Irã do que eu, porque está mais próximo do Irã. Mas a posição do Brasil é clara: o Brasil tem uma posição, o Brasil tem um comportamento com relação à usina nuclear, com o desenvolvimento e enriquecimento do urânio. Agora, tudo o que for feito para fins pacíficos, cumprindo tudo o que está nos protocolos internacionais, o Brasil tem direito de fazer, a França tem direito de fazer, o Irã tem direito de fazer. Agora, o Irã precisa se submeter a todos os acordos a que todos nós nos submetemos, porque aí nós iremos respeitar o multilateralismo,



iremos respeitar as instituições que nós mesmos criamos, e o mundo vai ficar muito mais tranqüilo e muito mais em paz.

Presidente Jacques Chirac: Eu creio que o presidente Lula falou com sabedoria. Não é um problema de contestação, do direito a ter a tecnologia nuclear para o Irã. É um problema de respeito a uma decisão internacional que se impõe a todos. Já que se impõe a todos, não é para aborrecer alguém, é simplesmente porque os riscos são consideráveis, tanto os riscos de utilização de uma arma nuclear com as conseqüências que isso pode comportar, quanto o risco bastante grande de proliferação que isso pode implicar. Eis as razões pelas quais eu aprovo perfeitamente o que disse o presidente Lula.

Jornalista: O presidente Lula evocou o futebol. Será que vocês falaram, realmente, entre vocês, de futebol?

Presidente Jacques Chirac: O futebol é o Brasil.

Presidente Lula: É muito difícil um presidente do Brasil conversar com o Presidente de um país que também tem bom futebol, como a França, na véspera da Copa do Mundo, e não falar de futebol. Eu fico torcendo para que... agora, também nós dizemos isso para todo mundo, eu fico torcendo para que Brasil e França vá para a final, até porque o Brasil tem um ajuste de contas para fazer com a França, por conta de 1998. Agora, obviamente, seria uma grande final. Seria uma final democrática, uma final de países amigos, de histórias extraordinárias, e o presidente Chirac me desculpe, mas neste momento, a seleção brasileira está melhor.

Presidente Jacques Chirac: Infelizmente, mas é temporário, é uma questão também da temporada. Evidentemente não podemos ser brasileiros e



franceses e, atualmente, não ter, pelo menos, uma conversa afetuosa, admirativa em relação à Copa do Mundo. Então, o esporte nos reserva muitas surpresas. Eu não sei o que vai ocorrer, mas eu posso fazer um voto, isso sim, aqui, levando em conta a qualidade excepcional da equipe brasileira. Eu faço votos de que a final seja França e Brasil. Eu devo dizer que eu hesitei um pouquinho a respeito desse assunto porque, numa primeira fase, eu tinha pensado: com relação à Alemanha não é conveniente, são eles que estão nos recebendo, são eles os nossos amigos tradicionais, estamos ligados por um pacto muito forte de amizade. E, conseqüentemente, a França e a Alemanha, talvez houvesse menos riscos que um jogo entre a França e o Brasil. Mas eu não resisti, realmente, e eu pensei que, finalmente, eu acho que eu vou comprar meus lugares para a final entre a França e o Brasil, e que o melhor ganhe.

Presidente Lula: Eu acho que é importante dizer que muitos jogadores que estão na Seleção Brasileira passaram um tempo na França. O Ronaldinho passou na França um tempo, hoje tem vários jogadores da Seleção que jogam em times franceses. De todo modo, mesmo que a França perca, não será muito triste, porque tem muitos jogadores brasileiros jogando na França, hoje.

Jornalista: Para nós todos, aqui no Brasil, é um tema chave para a solução da pobreza e a solução de problemas de injustiças no comércio internacional. Então, eu gostaria de perguntar ao presidente Chirac qual a garantia, senhor Chirac, de que a França, como membro da União Européia, vai, definitivamente, apresentar uma proposta de abertura do mercado agrícola que seja razoável para todos nós, países em desenvolvimento, se o Brasil e o G-20 fizerem a sua abertura um pouco maior do mercado industrial e de serviços. Por favor, é a minha última questão, é a última questão que havia sido combinada, eu gostaria que os senhores respondessem. Eu gostaria de saber



qual é a garantia, senhor Chirac, que a Europa vai apresentar uma melhor proposta para a abertura do mercado agrícola, se nós fizermos a nossa parte.

Presidente Chirac: Eu não vou repetir a segunda vez o que já disse. Eu ouvi agora sobre a França também, eu não posso repetir uma segunda vez. Eu me expliquei bastante com o presidente Lula, e eu disse há pouco qual era a posição da Europa, qual era a posição dos países emergentes, no seio dos países emergentes, qual era o problema dos países menos adiantados, e quais eram os problemas americanos. E eu disse em que âmbito nós poderíamos encontrar um acordo sobre o conjunto, desde que cada um faça um pouquinho. É o principal, e deve ser dito, e o que deve ser feito, sobretudo, pelos americanos. Muito obrigado.